SJB SELECTION

CRÍTICA · JAZZ

Knives Out: Radiohead vs. Brad Mehldau

SJB SELECTION · OUTUBRO DE 2026

Há algo de revelador em ouvir uma grande canção despida de quase tudo aquilo que instintivamente lhe associamos. *Knives Out* dos Radiohead e a interpretação de Brad Mehldau mostram precisamente isso. As duas gravações habitam mundos musicais radicalmente diferentes e, no entanto, chegam ao mesmo destino emocional.

O *Knives Out* original, lançado em *Amnesiac* em 2001, é uma das canções relativamente convencionais do álbum. Os seus 4:17 assentam em guitarras entrelaçadas, uma linha de baixo móvel, uma percussão que empurra e a presença vocal assombrada de Thom Yorke. A linguagem das guitarras traz também a influência dos The Smiths: Johnny Marr lembrou-se de lhe terem dito que os Radiohead tinham tentado captar algo da sua abordagem particular ao instrumento.

O que torna o original tão envolvente é a sensação de movimento contínuo. As guitarras parecem andar à volta da voz em vez de simplesmente a acompanhar. O baixo e a bateria continuam a empurrar para a frente, enquanto a melodia parece flutuar, inquieta, por cima deles. O resultado é uma música que se move de forma quase hipnótica, mantendo por baixo uma sensação de ansiedade.

Depois, Brad Mehldau tira a voz.

E as guitarras.

O que fica é o piano, o contrabaixo de Larry Grenadier e a bateria de Jeff Ballard. Gravado para o álbum *Day Is Done* de 2005, o *Knives Out* deles dura 8:29, quase o dobro do original.

Mas é aqui que se torna fascinante.

Em vez de expor os limites da composição, retirar os elementos que definem a gravação dos Radiohead revela como a composição é realmente forte.

Mehldau não se limita a passar a melodia de Yorke para o piano. Abre a arquitetura da canção e deixa o trio mover-se lá dentro. A melodia torna-se menos um destino do que um ponto de referência. A

harmonia torna-se elástica. E, sobretudo, o ritmo torna-se instável.

O impulso para a frente da gravação original é transformado por Ballard em algo bastante mais volátil. A crítica da época destacou as harmonias escuras, o comprimento irregular das frases, a tensão rítmica e a velocidade da interpretação. Outra crítica descreveu Ballard a usar figuras em tempo duplo e passagens que lembram breakbeats.

Assim, onde os Radiohead criam uma propulsão hipnótica, o trio de Mehldau cria instabilidade rítmica.

Essa diferença muda tudo.

E há um pormenor extraordinário por trás da gravação. Segundo o próprio Mehldau, o trio nunca tinha tocado a peça em conjunto antes de entrar no estúdio. A versão que se ouve em *Day Is Done* é o primeiro take. Mehldau lembrava-se dela como tendo uma "energia selvagem" e, ao mesmo tempo, uma concentração notável entre os três músicos. Escolheu-a deliberadamente para abrir o álbum por causa desse caráter enérgico.

Saber isto torna a interpretação ainda mais interessante. A sua instabilidade não é só um recurso de arranjo. Há uma verdadeira descoberta a acontecer entre os músicos.

E talvez seja aqui que está a diferença essencial entre as duas versões.

Para os Radiohead, *Knives Out* é, no fundo, uma canção. O seu mundo emocional nasce da interação entre palavras, voz, guitarras, baixo, bateria e produção.

Para Mehldau, a composição torna-se ao mesmo tempo uma canção e um território.

O material reconhecível permanece, mas torna-se o enquadramento dentro do qual três músicos podem negociar ritmo, harmonia, dinâmica e espaço em tempo real. *Knives Out* já não avança simplesmente do início para o fim. Torna-se algo que pode ser esticado, desestabilizado e redescoberto.

E, no entanto, o mais notável é aquilo que Mehldau não muda.

A ansiedade sobrevive.

Na gravação dos Radiohead chega através da voz de Yorke, das imagens inquietantes da letra e daquelas linhas de guitarra à deriva. Na interpretação de Mehldau surge através de uma harmonia mais escura, de um fraseado irregular e de tensão rítmica.

A mesma paisagem psicológica, um vocabulário diferente.

É por isso que descrever a gravação de 2005 simplesmente como "uma versão jazz de uma canção dos Radiohead" é não perceber o essencial. Mehldau não está a traduzir *Knives Out* do rock para o jazz. Está a testar que partes da composição podem ser retiradas sem destruir a sua identidade.

A resposta acaba por ser: quase tudo.

A voz desaparece. As guitarras desaparecem. A estrutura compacta de quatro minutos desaparece. O arranjo desaparece.

O desassossego permanece.

E talvez esse seja o maior elogio que um intérprete pode fazer a um compositor. Mehldau não imita a superfície de *Knives Out*. Identifica o seu ADN emocional e reconstrói a música à volta dele.

Se a versão original dos Radiohead cria ansiedade dentro da canção, a versão do Brad Mehldau Trio tira essa ansiedade da canção e transforma-a em improvisação.

Duas línguas. Duas interpretações radicalmente diferentes.

> ***A mesma escuridão por baixo.***